



ESTATUA EQUESTRE D'ELREI D. JOSÉ I.º

Oh como a lusa prole,
Cheia d'assombro, na futura idade,
Do real vulto verá na egregia mole
Brilhar a magestade!
Virão, ah! sim, virão de toda a parte,
Oh inclita cidade,
Os povos pela fama arrebatados
O grão colosso a vêr, prodigio da arte:
E em torno á forte base derramados
Dirão, a augusta effigie contemplando:
Foi este o forte, o justo,
José, da patria pai, que a patria alçando
Deu pasmo a naturaes, a estranhos susto.

DINIZ. *Od. Pind.*, 29.^a

VOL. V. FEVEREIRO 13. — 1841.

TEMOS visto nos precedentes artigos (1) o quanto se esmerou o esculptor, Machado, para que o monumento que aformosea a Praça do commercio fosse digno do monarcha a quem o dedicavam, e da nação, a cujas expensas se erigia: incumbem-nos agora o fazer-mos menção, com o devido louvor, do tenente-general Bartholomeu da Costa, que dirigia as repartições do arsenal do exercito. Foi este habil engenheiro encarregado da fundição da estatua, e conseguiu desempenhar tão difficil tarefa com tal acerto que o mais feliz exito premiou a sua intelligencia e desvelada applicação. Se a estatua fosse composta de

(1) Vid. a pag. 145, 201 do vol. 4.º, e a pag. 3 do presente vol.

muitas peças, fundidas separadamente, e depois soldadas entre si, muito diminuto comparativamente seria o merecimento de Bartholomeu da Costa; mas, sendo ella inteiriça e fundida de um só jacto, de muita capacidade mental, de muitos conhecimentos scientificos e ao mesmo tempo de sobeja resolução temperada de prudencia era revestido o seu engenho para sahir prosperamente de tão arriscada empreza. Se observámos o trabalho e as precauções que se empregam para o bom resultado da fundição de uma peça de artilheria de qualquer calibre, o que não seria preciso para a da estatua, na qual correu liquida para a fôrma a massa enorme de 656 $\frac{1}{2}$ quintaes de bronze derretido? — Bemlogrou-se o complemento da obra: ficando a imagem colossal de D. José 1.^o perfeita e acabada por tal fôrma que o proprio estatuario diz a respeito de Costa o seguinte: — «... entre os maiores louvores, que se lhe derem a este respeito, não devem os que eu proferir ter o menor logar, porque tenho mais razões para conhecer o primor com que a fundição exprimiu tudo quanto a esculptura fez. — » Um dos objectos de maior ponderação neste trabalho é o esqueleto ou armação de ferro que fica dentro do bronze, e que deve occupar o seu justo e devido logar; o que bem desempenhou o mencionado engenheiro, construindo por sua invenção um instrumento dimensorio, especie de grande compasso, para tomar as competentes medidas antes de se forjarem as peças da referida armação, cujo peso total é de 100 quintaes de ferro. Organizado e fixo o esqueleto no fosso onde a estatua se havia fundir, seguiu-se fazer-se na mesma armação o *macho* da fôrma, por direcção do mesmo engenheiro, e incrustado o dito macho com as cêras fez nestas os ultimos reparos o esculptor: vejamos agora como este explica o ultimo processo (2): — «Esta manobra de assentar as cêras no esqueleto contem em si dois objectos; um é o referido assentamento, outro ir juntamente construindo o *macho* ou *carço*, que fica dentro da cêra, para que o metal não encha todo o vácuo, mas só o espaço que occupa a cêra, a qual a seu tempo e á força do fogo se faz expellir, para o metal ir depois introduzir-se no logar que a cêra occupava; e acabado que foi este trabalho tornei com os meus operarios a dar os ultimos retoques no meu modelo de cêra já encrustada sobre o predito esqueleto de ferro, e referido *macho* ou *carço*. Concluido já de todo este modelo, passou da minha administração á do fundidor para sobre elle se fazer a ultima fôrma (3), e tanto que ella se acabou e se seccou se coseu com bem dirigido fogo. Neste cosimento em que a cêra se ia derretendo, ia tambem ao mesmo tempo sahindo da fôrma por canaes que para isso se lhe deixaram; em cujos vacuos se introduz depois o metal antes de esfriar a dita fôrma: para o que se passou immediatamente a derreter o bronze, que assim que esteve na sua competente liquefacção, se abriu o dique ao forno, em que se achava derretido, cuja evacuação total foi indicio feliz de se ter enchido a fôrma com bom successo. — Decorrido o tempo necessario para se coagular e esfriar o metal, extrahiram-se as terras da cova em que a figura se fundira, e desfeita a fôrma appareceu a estatua como no centro de uma arvore de bronze, por causa das ramificações dos gitos, que a circumdavam. Passou logo Machado a dirigir o retoque a einzal, executado por 83 artífices

(2) Em uma Memoria que imprimiu em 1812 no *Jorn. de C.*, dois annos depois de haver estampado a sua *Descrip. Analytica*.

(3) Faz-se de certa composição de barros e outros mixtos, que em França denominaam *potée*.

do arsenal do exercito e da officina de marmores da praça do commercio, trabalho em que se gastaram 63 dias.

A 20 de Maio de 1775 foi suspensa a estatua do fosso em que a fundiram e retocaram: construindo-se para a levantar, sob a direcção do tenente-general, Costa, uma machina semelhante á que para igual effeito serviu em París de erguer a estatua equestre de Luiz 15.^o, mas com mais uma circumstancia vantajosa; isto é: na machina franceza só havia movimento de andar para diante, e Bartholomeu da Costa deu á sua o movimento de ladear em angulo recto, para poder sahir a figura da casa pertencente á fundição da artilharia em que estava e collocar-se no carro de transporte, sobre o qual ficou assente no dia immediato, começando a sahir para o logar do seu destino no dia 22 de Maio. Na conducção se gastaram tres dias e meio consecutivos, o que foi causa dos ralhos e motejos dos ignorantes impacientes, contra o architecto das obras publicas, Raynaldo Manuel dos Santos, incumbido do transporte, porque não conhecendo elles os obstaculos e a complicação da manobra, pensavam que o mesmo era sahir aquella ingente mole da casa da fundição que estar em poucas horas levantada sobre o seu elevado pedestal. Sempre a quem ignora as difficuldades pareceram faceis as emprezas! Não sabiam tambem que sendo o peso da estatua de Luiz 15.^o muito menor que o da estatua de D. José 1.^o consumiu no seu transito o mesmo espaço de tempo por igual extensão de caminho. A referida estatua em París não tem mais de 24 palmos, e a nossa tem 31; a saber: até o ultimo contorno da cimeira do capaxte, fóra as plumas, contam se 27 $\frac{7}{10}$ e com o dito ornato de plumagem completa os 31 palmos.

No transporte puchavam os cordões muitos trabalhadores acceadamente vestidos, que faziam o trabalho, mas por maior condecoração tambem pegavam nos mesmos cordões a corporação da casa dos vinte e quatro precedidos do Juiz do Povo, e muitas pessoas distinctas da repartição das obras publicas. A collocação da estatua sobre o pedestal foi encarregada a João dos Santos, sota-patrão-mór da ribeira das naus, e a este respeito copiaremos do livro de Machado o seguinte § do cap. X. — «Quem vê as estampas da machina ou andaime, que se construiu em París para se elevar e collocar no pedestal a estatua de Luiz 15.^o acha que ella sem duvida parece mais artificiosa [por menos commum] que a de que usou o patrão-mór; porem esta alem de ter sido ainda menos arriscada, e muito mais segura que a de París, foi tambem muito mais economica: porque na franceza, na sua construcção, forçosamente se haviam cortar muitas madeiras, em cujos cortes é inevitavel o desperdicio; e o patrão-mór construiu uma cábria de varios mastros, que tirou do arsenal da marinha, cujos mastros, cadernaes, moutões, cordames &c., tudo tornou para o mesmo arsenal sem perder-se cousa alguma.» —

Á vista de innumeravel concurso de povo, estando ricamente armadas as tres faces da Praça do commercio, e tendo a côrte, para fazer mais luzido o espectáculo, dispendido avultadas quantias, foi suspensa e assentada na sua base permanente a colossal estatua com geral satisfação e applauso. Observa-se nesta bella obra das artes, estatuarica e fusoria, uma particularidade, que a distingue de muitas identicas, e que deu logar a que fosse montuoso o plintho ou base. Parece á primeira vista que a rasão desta escabrosidade, e de apparecerem as silvas e serpentes por toda ella espalhadas, era uma allegoria allusiva aos obstaculos, tropeços e vicios que o monarcha

venceu, calçou e reprimiu, assim na reedificação da capital, como no bom regimen do estado: mas não houve só esta rasão apparente: Machado artificialmente quiz encubrir com os collos das serpes e o emaranhado do silvêdo a vigota de ferro que sahe do pé esquerdo do cavallo, e é um dos pontos de segurança, que em outras estatuas fica patente desde o pé, que está como no ar em fórma de mover-se, até a base, posto que os gravadores nas estampas de taes estatuas não indiquem essas vigotas, para que os cavallos não pareçam aleijados. O talento do nosso esculptor soube remediar este defeito.

NOTICIA DAS PRINCIPAES MONTANHAS DO MUNDO.

TENDO dado em alguns numeros deste jornal diversos artigos de geographia physica, passaremos agora a tratar daquellas massas gigantes, que elevando-se magestosamente sobre a superficie do globo vão sumir-se na altura das nuvens. — Chama-se *grupos* á reunião de varios montes separados entre si que cobrem uma planicie: — denomina-se *cadêa* certo numero destes montes que se estendem pelo espaço de algumas leguas; e ás cadêas immensas que prolongando-se por muitos graus quasi atravessam uma das partes do globo dá-se o nome de *cordilheiras*. É por isso que são assim denominados quasi exclusivamente os admiraveis montes dos *Andes*, que em varias direcções cortam a maior parte da America. A fórma dos montes é geralmente conica; isto é: vai diminuindo desde a base até ao cume, terminando n'um ou mais picos. Em alguns dos paizes cubertos por grandes montes experimenta-se variedade de climas conforme a elevação, encontrando-se a poucas leguas de distancia sitios aonde principia o verão, ao tempo em que elle finda em logares immediatos. — Quando os fructos do outono acabam no valle Rimac, na cidade de Lima, que é a sua capital, continúa a haver os mesmos fructos, trazidos de uns montes proximos, aonde então começa o verão, que ficam a um dia de jornada. O mesmo succede no cabo Samorim na provincia do Indostão. Nos paizes aonde ha grandes montanhas, sobe-se gradualmente de um valle cuberto de messes a outro plantado de vinhas; — deste a encostas aonde apenas se encontram pastos; — dalli a faldas assombradas de arvores; — depois a terrenos cubertos de silvas e abetos, diminuindo sempre a vegetação até acabar a vida organica.

A elevação de legua e meia que tem alguns montes parece á primeira vista contrária á regularidade da fórma espherica; mas quando a comparámos na mente á superficie total do globo, achámos que não excede á desigualdade que causaria um grão d'arêa pegado a qualquer vidro; e que todos os montes e cordilheiras da terra pouco mais sobresaem no globo do que as pequenas prominencias que observámos na casca de uma laranja. Os naturalistas suppoem que as montanhas tem origem differente, havendo quasi todas sido formadas em periodos diversos. São quatro as principaes classes admittidas na geologia.

1.^a — Os montes que formam cadêa e que estão cubertos de neve constituem a classe primitiva ou anti-diluviana, isto é a que existia antes do diluvio universal. Taes montanhas excedem muito em altura todas as outras, e o seu accesso é assaz escarpado. Tem commumente figura pyramidal, e são coroadas de rochas agudas e de medonho aspecto. O tempo com força lenta mas destruidora faz grandes escavações com a quantidade d'agua que em successi-

vas catadupas se precipitam desde o cume: entra por varias fendas, muitas das quaes ficam cheias de agua, que se congela depois, arrojando massas enormes sobre os valles immediatos: — vimos algumas de tamanho de uma casa regular na descida da cordilheira na terra de indios no Chile, a algumas leguas mais ao sul de Portillo. Em outras partes é tal a accumulção de grandes fragmentos, que excede toda a idéa de desordem que possa conceber-se. Estas montanhas primitivas são compostas de enormes massas de terra, sem mistura de conchas ou de outra materia marinha organizada. No interior ha cavernas naturaes, abundantes em cristalisações e mineraes. São desta especie os Pyrneos, os Alpes e outras cadêas de montes na Europa; o Caucaso, Himalaya e outros na Asia; o Atlas na Africa, e varias cordilheiras na America.

2.^a — Ha outra classe de montanhas de origem vulcanica, algumas das quaes estão desertas, e outras cercadas de grupos de collinas, cujo terreno consta de pedras e outras substancias soltas: — tem fendas e bocas nos cumes, cercadas de lava e de outros corpos semi-vitrificados que augmentam com as repetidas descargas ou erupções do fogo subterraneo. Os montes mais celebres desta classe são: — o Vesuvio e o Etna na Italia; o Pico de Tenerife nas Canarias, o Pico de Adão na ilha de Ceilão, &c. — Quando nas montanhas mais altas desta especie ha leitos de conchas marinhas, devemos suppôr que formaram n'outras epochas parte do fundo do oceano. Em geral estas montanhas são de mais facil accesso que as de primeira classe, contendo em si menor copia de mananciaes.

3.^a — As montanhas de terceira classe, ou estejam separadas ou agglomeradas, cobre-as uma certa capa de terra de differentes especies e côres. — A sua formação deve attribuir-se a terreno feito nos grandes cataclismos. — Tem sempre pequena elevação comparadas com as de primeira classe: o seu cume é redondo, espaçoso e cuberto de terra, com algumas pedras semelhantes ás que costumam achar-se nas praias do mar batidas pelas ondas. — O interior destas montanhas compõe-se de capas quasi horizontaes, de conchas e de outras producções marinhas, principalmente nucleos de peixes. — Estes fosseis estão por tal arte misturados e confundidos com montões de outros corpos organizados de especies differentes, e appresentam tão estranho quadro de desordem, que acreditâmos haverem-se alli accumulado substancias de qualidades tão oppostas, por effeito de alguma extraordinaria e violenta inundação como a do diluvio universal. — É por tanto de suppôr que estas montanhas se compoem de fragmentos de corpos n'outro tempo animados e misturados com troncos d'arvores, resto de plantas, leitos de barro, cal e pedras differentes.

4.^a — A quarta classe consta das montanhas mais baixas, e de mais recente data, formadas por accidentes posteriores ás grandes catastrophes do nosso globo. Encontram-se commumente em torno das montanhas primitivas, ás quaes servem como de degraus, pendendo do outro lado para as planicies aonde gradualmente se somem. Os leitos ou capas destas montanhas são differentes, tanto em numero como em grossura. — Acham-se em algumas trinta e quarenta capas successivas; n'outras, porem, só ha tres ou quatro: — tem umas dez pés de grossura, e outras apenas uma polegada.

Frequentemente se observa que o lado oriental das montanhas que correm de norte a sul é comparativamente mais baixo do que o lado opposto; e que o lado occidental é alto, escabroso e quebrado. As que

correm do oriente ao poente são mais escarpadas do lado meridional que do septentrional.

O barão de Humboldt achou outra diferença mui notavel na formação das montanhas nos hemispherios oriental e occidental. Os cimos de granito do monte branco e de outros mui altos dos Alpes elevam-se sobre as nuvens; porem os Andes da America, que tem sete a oito mil pés, são coroados de grandes muros de porphiro, que na Europa só se encontram ao pé de elevados montes. — Na Europa nunca o basalto se achou em maior altura do que 4:000 pés, ao passo que o pinaculo de Pinchincha, composto da mesma pedra, se eleva como uma torre á altura do firmamento.

Os cimos das montanhas mui altas, sem exceptuar as dos climas mais calidos, estão constantemente cubertos de neve gelada por causa da grande rarefacção do ar. A linha aonde começa o gêlo perpetuo não é a mesma em todos os paizes: — para o lado dos pólos é mui baixa, e mui alta para o lado do equador. — Nos pólos suppõe-se igual ou ao nivel da superficie da terra d'onde se levanta na fórma de uma curva até á altura de 17:300 pés no equador. É esta a causa porque ha logares, em alguns paizes, não só habitaveis como summamente agradaveis e ferteis, e isto na mesma altura que n'outras latitudes em que tanto os homens como os brutos e toda a especie de plantas pereceriam pela continúa intensidade do frio. A linha mais baixa de perpetuo gêlo sob o equador é, como temos dito, de 17,300 pés sobre o nivel do mar. Na latitude 49° N. baixa a 16,544 pés: na latitude de 43° a 46° desce a 9,500, mui perto de 1,000 pés abaixo do nivel da cidade de Quito; e 5,288 mais baixo do que os campos cultivados na faldada de Autisana. A cidade do Mexico, na altura de 8,219 pés, é um chão calido aonde amadurecem as laranjas e ananazes, ao passo que na Suecia ha gêlo perpetuo na altura de 5,700 pés, e na Noruega na de 4,928 pés.

Os limites do gêlo perpetuo em diferentes latitudes, segundo o calculo de Mr. Humboldt, são os seguintes: —

Entre os tres graus do N. e S. do equador	17,050
A 20 de latitude — pés	13,413
A 35 " "	12,650
A 40 " "	11,220
A 45 " "	8,949
Na Suissa " "	8,836
Pyrinéus " "	8,638

Desde os 75° de latitude norte suppõe-se igual ao nivel do mar.

O phenomeno mais terrivel a que estão expostas as regiões montanhosas é o dos vulcões. — Conitudo nem em todas as montanhas ha o mesmo perigo, pois que estas erupções espantosas occorrem em certos logares, e em intervalos irregulares, conforme o maior ou menor espaço de tempo necessario para se prepararem aquellas massas immensas de materiaes incendidos, e de rios de fogo líquido que os concavos montes vomitam de suas horriveis crateras. Este phenomeno ocorre algumas vezes no fundo do mar, arrojando tanta quantidade de lava e outras materias vulcanicas sobre a superficie da agua que se formam rochas e ilhas como succedeu, ainda não ha muito, proximo ás ilhas dos Açores, Estromboli e Santorin. Estas medonhas e ao mesmo tempo sublimes operações da natureza formam um contraste mui notavel nos dois hemispherios. — No mundo velho acham-se quasi exclusivamente nas ilhas e extremidades peninsulares; porem os vulcões no novo mundo existem até no centro d'aquelle vasto continente. — Nas cadeas das montanhas principaes da Europa, Asia e

Africa não ha vulcões, no entanto as partes mais admiraveis da cordilheira appresentam uma inflammação quasi continuada. — Nos dois mundos até variam as substancias arrojadas pelos vulcões: — na Europa e Asia tudo é lava ou pedra; porem os vulcões na America lançam de si greda, escoria de azougue e carvão, e algumas vezes agua e peixes fervidos.

Segundo o professor Jamcson o numero dos vulcões conhecidos até agora chega a 195, distribuidos do modo seguinte: —

No continente da Europa	1
Nas ilhas da Europa	12
No continente da Asia	8
Nas ilhas asiaticas	58
No continente americano	97
Nas ilhas americanas	19

No continente da Africa não se descobriu ainda nenhum vulcão; — ha-os todavia nas suas ilhas, e se aqui os não designâmos é porque o seu numero é incerto.

S.^t OMER.

S.^t OMER é uma cidade da França, na costa maritima do nordeste deste reino, no canal que o separa da Graã-Bretanha, a que os inglezes dão o nome de *estreito de Dover*, e os francezes de *passo de Calais*, em rasão destas duas cidades dos dois paizes, situadas em margens oppostas. É a capital da provincia ou departamento do *Pas de Calais*, a que pertence Boulogne, onde ha pouco desembarcou para a sua infeliz tentativa o principe Luiz Buonaparte. Tem boas e fortes obras militares de defeza: conterà umas 20:000 almas de população, e foi um dos portos escolhidos por Napoleão para o armamento da frota com que pertendia invadir a Inglaterra. Pertenceu aos antigos condes de Flandres; e sendo possessão da casa ducal de Borgonha, desta a herdou o ramo hespanhol da familia austriaca: o imperador Carlos 5.^o a fortaleceu; os francezes a tomaram em 1677, e o tratado de paz, celebrado em Nimegues no anno immediato, os confirmou na posse. É regularmente construida; em parte sobre uma eminencia, e em parte sobre chão apaúlado, por onde corre o ribeiro Aa: nem só as muralhas e quatro fortalezas a defendem, mas tambem a protegem os pantanos circumvisinhos, que com facilidade, encaminhando-se as aguas, podem ser inundados: das suas quatro portas apenas duas admittem a entrada de carruagens. Só tem um largo, chamado a praça d'armas, formando-lhe um dos lados a casa da municipalidade, ou palacio da cidade [hôtel de ville] como dizem em França. Goza a vantagem preciosa da abundancia d'aguas repartidas por muitos chafarizes. A entrada pelo lado de Calais é por meio d'uma longa avenida de arvores frondosas: esta estrada, os terraplenos do circuito das muralhas plantados d'olmeiros, e os cáes á beira do canal são os passeios da cidade. Como edificios notaveis podem mencionar-se duas bellas igrejas gothicas; 1.^a, a cathedral, ornada com baixos relevos d'origem normanda, capellas enriquecidas de marmore, e muitos mausoleus, entre elles o do bispo S.^t Omer, que floreceu pelo seculo nono, padroeiro da terra e de que a mesma tira o nome: a um lado da portada da sé ha um elevado campanario, de fórma quadrada, que serve tambem de torre de atalaia, de cujo cimo um sentinella vigia ao longe a campina. A segunda igreja gothica, que cahiu em ruina, é a abbadia de S. Bertin, das mais ricas e famosas que a ordem benedictina possuia em França, era mais vasta que a sé, e obra primorosa no seu genero: nella morreu reclu-

so, depois da sua deposição, Childerico 3.^o, o ultimo rei da raça merovingiana. S.^t Omer tem para o norte dois suburbios povoados por cultivadores; e dentro do seu recinto comprehende, alem dos hos-

pitaeos e outros estabelecimentos de caridade e d'ins-trucção, uma eschola superior com livraria de mais de 16:000 volumes, um theatro, banhos publicos, e o arsenal com numerosa colleção d'armas antigas.



RUINAS DA ABBADIA DE S. BERTIN, EM S.^t OMER.

O MONGE DE CISTER.

Romance historico.

(Fragmento.)

1388 — 1389.

(Conclusão.)

« A TUMBA havia passado os umbraes da casa, — continuou o moço frade — e ainda eu a seguia com os olhos, quando apoz tantos vultos negros um alvejar de roupas atraz do ataude, me distrahiu. Era ella: era Leonor! Pendia-lhe da cabeça um longo barrete de vaso fluctuante sobre a tunica de almafega alva-centa que lhe arrastava até o chão. Chorava e soluçava pelo morto! E eu alli! — trahido, esquecido, miseravel, criminoso por ella! Era ainda formosa: — mais, por ventura, que no tempo dos nossos amo-

res! Não sei o que me reteve, que não me arrojasse a seus pés, e lh'os beijasse, e lhe pedisse perdão, e depois a apunhalasse. O meu arquejar devia soar bem longe: mas não disse nada. Padei e soffri.

Donas, donzellas e cavalleiros, tambem vestidos de burel branco, e com as cabeças cubertas de vaso, rodeavam Leonor. Apoz elles mais nada, senão algum povo que começava a ajuntar-se. O portal ficou deserto, e apenas se ouvia lá em cima, nos aposentos, o chôro das pranteadeiras, que provavelmente não tinham ousado acompanhar o morto com suas lagrimas venaes.

Metti-me entre o povo, e segui o sahimento. Aquelle complexo de frades, e cavalleiros, e donas, e donzellas, e hymnos, e resar baixo, e soluçar, e carpir, entre cujo mover incerto e lento, entre cujo ruido soturno e temeroso, eu via a menor acção de Leo-

nor, ouvia o menor accento da sua magua acerba, e afogada em choro, era como um redemoinho que me arrastava e embebia em si irresistivelmente. Vago e monstruoso como aquelle longo vulto de muitos vultos, aquelle vozear de muitas vozes era o que se passava em mim. Se afflicção ou prazer, remorsos do crime, ou contentamento da vingança; sede de mais sangue, ou desejo de perdão; odio immenso, ou amor desperto de novo com dobrada ancia, é o que não saberei dizer-vos. Por ventura era isso tudo que a um tempo me a-saltava e despedaçava o coração.

Chegando á igreja de S. Francisco o sabimento atravessou o portal do meio, e seguiu ao longo da nave central. No cruzeiro estava um estrado cuberto de negro: depositaram em cima o ataude; abriram-o, e os psalms dos finados, momentaneamente interrompidos, reboaram de novo por aquellas fundas arcadas.

Tinha-me encostado a uma das columnas das naves, para alli ir bebendo golo a golo o meu calix de amargura. Quando abriram o ataude, lancei para lá os olhos, sem saber o que fazia. Vi a face livida do assassinado, tinha os dentes cerrados, as feições contrahidas, e de cada canto da boca sahia-lhe um fio de sangue negro e gelado, como devia estar o que eu lhe deixára nas veias. Voltei os olhos n'um relance; mas continuei a vê-lo . . . então . . . depois . . . agora mesmo . . . talvez para sempre . . . talvez na hora tremenda da derradeira agonia!

Fr. Vasco não disse — murmurou, ou antes rugiu estas ultimas palavras: affastou-se com ímpeto de Fr. Lourenço, apertou a testa com as mãos ambas, e exclamou:

«Oh, quem me tira isto daqui!»

Este brado, semelhante ao grito d'um homem que matam a ferro, despedaçava o coração.

Um grande crucifixo estava encostado á parede na cella de Fr. Lourenço. O velho monge atirou-se de joelhos, abraçando os pés da cruz, e derramando rios de lagrimas.

«Pelas tuas divinas chagas, por teu sangue vertido sobre a cruz, Redemptor do mundo! Perdoa a este misero como perdoaste aos algozes que te crucificaram!»

Estas palavras ainda as ouviu Fr. Vasco. Depois a oração de Fr. Lourenço soava apenas como um murmurio de brisa da tarde por campina deervas rasteiras. Era a oração que os ouvidos de homens não ouvem; aquella que Deus entende. — E á proporção que ella se affervorava, as mãos confrangidas de Fr. Vasco lhe iam descendo da fronte, e esta se lhe asserenava. Ficou immovel olhando para o velho, cujas longas melenas brancas varriam o ladrilho do aposento. Tambem dos olhos lhe rebentaram algumas lagrimas.

Fr. Lourenço ergueu-se por fim. Relusia-lhe no rosto uma alegria celeste. Fr. Vasco arrojou-se outra vez no seio do homem justo. Que consolação ha ahi semelhante á de alma crivada de remorsos, quando se encosta a outra cujos pensamentos moram aos pés do throno do Senhor? Comparada com ella, a do nu e faminto recebido no regaço do abastado póde-se chamar amargura.

«Leonor, Beatriz, meu pai, D. Vivaldo, a vingança» proseguia Fr. Vasco, «tudo me desapareceu da alma com aquella vista medonha. Sahi como louco da igreja: precisava de ar, porque me faltava a respiração: precisava das trévas da noite, porque a luz que ahi havia era luz de mortos. Vagueei horas inteiras pelas ruas da cidade, aquella hora ermas e tenebrosas, até que meio desfalecido me recolhi á pousada.

Era meia noite. — Esta e as que se lhe seguiram foram semelhantes á antecedente, povoada de visões e de terrores. Lembrei-me umas poucas de vezes de atirar a minha alma ao inferno, apunhalando-me; mas avaliava já os seus tormentos, e não ousei tanto. Crede-me, Fr. Lourenço, um homem que se mata a si proprio ou é um innocente, ou tem coração tão damnado que desconhece os remorsos. Só quem passasse pelo que eu passei entenderá plenamente a significação destas palavras = condemnação eterna. =

Foi depois de quinze dias de incomportavel padecer, que um raio de esperança allumiou as trevas desta alma. Lembrei-me de procurar-vos. Todos vos diziam bom, e que tinheis a virtude de serenar as tempestades do espirito» . . .

«Fr. Vasco» interrompeu o velho monge com aspecto severo, «esses milagres fá-los Deus, e não o vaso de barro que é seu instrumento, e que, depois de servir, elle parte no dia da sua colera.»

«Procurei-vos. O meu intento era contar-vos tudo, mas desfalleci no proposito. . . Ouvistes só metade da minha negra historia. Agora ahi tendes nu este coração. Por Deus que não amaldiçoeis o pobre Vasco. Por Deus que não o amaldiçoeis quando elle vos disser que este santo habito amortecendo os seus terrores fez ressumbrar de novo o amor, a sede da vingança, a memoria do legado paterno, todos os sentimentos que o fizeram criminoso. Oh, reverendo nonno, eu perdoaria tudo, menos uma affronta ao nome de meus avós; eu esquecer-me-hia de tudo, menos de um amor puro e ardente, como era o meu, despresado, escarnecido por mulher leviana e refalsada; eu cerraria os ouvidos a todas as suggestões, mas não posso cerra-los á voz de meu pai, que debaixo da terra me brada — vingança!» —

«Vasco, Vasco! — Aquelle fez mais do que isso — amou e abençoou os que lhe cuspiram nas faces, e lhe tiraram a vida nos tormentos da cruz.»

E apontava para o crucifixo.

«Não posso» — murmurou o moço frade.

Fr. Lourenço ajoelhou de novo, e curvou a fronte para o chão. Desta vez, não aos pés da imagem do Salvador; mas aos pés de Fr. Vasco, ora beijando-lh'os, ora abraçando-o a elle pelos joelhos.

«Meu irmão. — Filho de S. Bernardo, não queiras perder a tua alma. Este pobre velho t'ó pede chorando! Perdoa! perdoa! — Se os que te offenderam viessem agora ajoelhar-te aos pés e implorar piedade, negar-lha-hias tu? — Não! — E se o fizesses; — aqui Fr. Lourenço ergueu-se rapidamente, e em pé, com o braço mirrado e pallido estendido para Fr. Vasco, e sabido pouco fóra da manga do habito, tomou a postura e o aspecto de um propheta que falla em nome de Deus; — «se o fizesses, o Senhor lhes perdoára por ti, e reprobó foras tu; não elles! — Talvez a estas horas desejem dizer-te *peccavi!* talvez chorem com lagrimas de sangue? E tu? Blasphemias. — Se não se arrependem, crês que a justiça divina dorme? — Vasco, tambem tu és réu, como elles: perdoa, se queres perdão. O juiz de nós todos é o que mora nos céus.»

Fr. Vasco não respondeu nada.

Tambem nós não protrahiremos por mais tempo esta scena de lucta moral em que o virtuoso velho trabalhava por salvar um desgraçado, que nascêra bom e honesto, e que a sociedade fizera culpado. Mentiroso, corrupto e má a vida social, cheia de erros, preocupações e vicios, damnada nas instituições e nas leis, nas crenças e nos costumes, educa as gerações e os individuos, legando-lhes largo cabedal de perdição; e quando os arbustos plantados em ter-

ra peçonhenta, tendo bebido uma seve venenosa, produzem seus fructos de morte, o mundo, ao mesmo tempo malvado e hypocrita, horrorisa-se e abandona a sua obra, e ajuntando-se á roda do cadafalso dos suppliciados, que elle proprio lá conduziu, saúda uma cousa, a que pôz por nome justiça, e que não é mais que uma desculpa embusteira da ignorancia e da perversidade, não do individuo criminoso, mas desse vulto hediondo e informe, chamado sociedade, para o qual não ha nem leis, nem punição, nem algozes. Similhante ao nosso, similhante aos que hão-de vir era o seculo 14.^o

Desde o dia em que se passou o dialogo que deixámos escripto, Fr. Lourenço foi como o anjo da guarda do pobre Vasco. Uma sympathia, inexplicavel para elle, o unia a este mancebo, a quem o velho ganhára amor de pai. Era que entre estas duas almas havia uma harmonia: ambas ellas eram nobres e generosas. Como duas arvores gêmeas nascidas n'um valle, rôto por algum fojo profundo, que misturam as raizes em abraço fraterno, e das quaes uma posta na aresta do abysmo, tem o tronco e os ramos de um verde mal assombrado, pendente sobre a voragem que ameaça tragá-la, em quanto a outra aprumada e alegre braceja vergontea para o ar e para o sol, assim destas duas almas, ambas na essencia formosas, uma se balançava triste ás bordas do inferno, em quanto a outra fugia nas azas dos santos pensamentos para o seio de Deus.

E como das duas arvores, a que está mais firme obsta a que a outra se despenhe, assim Fr. Lourenço tinha da sua mão o malaventurado mancebo.

As paixões deste eram daquellas que só fulminando soam. Sem vicios, sem ancia de gosar, porque o gôso não era para a sua alma queimada pelo padecer; affavel, bom e humilde com todos os que o tratavam, porque o odio, a sanha, os gestos e palavras de terror guardava-os como um thesouro contra quem o tinha offendido; compadecido dos oppressos e desventurados, porque tambem elle o era, Fr. Vasco passava no collegio de S. Paulo e S. Eloi por um futuro successor de Fr. Lourenço em santidade e boas obras. Tendo-se entregue com fervor ao estudo, como um meio d'affugentar pensamentos crueis, criam que o amor da sciencia o obrigava a passar as noites sobre os livros, em quanto elle o fazia só porque a vigilia sobre o livro mais sem sabor, um tratado ácerca das tres unidades, por exemplo, é um folguedo comparado com a vigilia do leito do repouso, convertido em ecúleo de pensamentos de agonia.

Assim, Fr. Vasco, indigitado como futuro santo, e futuro sabio, estava bem longe de ser uma ou outra cousa. Fr. Lourenço era quem o conhecia, quem passava horas e horas pedindo a Deus salvasse aquella alma. Todavia se houvesse alguém que perguntasse ao porteiro, Fr. Julião, ou a qualquer outro leigo do collegio de S. Paulo e S. Eloi, qual era o caracter de Fr. Vasco, ouviria uma linda novella, em que não haveria uma só palavra de verdade.

E no fim, o donato, empertigando-se, concluiria com aquellas palavras que eu e tu, leitor, temos ouvido a tantos donatos que ainda ha no mundo:

«Conhego-o por dentro e por fóra!»

Parvos!

Mas a nossa barca, ou antes a barca afretada por Fr. Lourenço, abicou a Restello. Saltemos em terra com os dois cistercienses. — A. H.

OS CERCOS DA PRAÇA D'ELVAS.

A CIDADE d'Elvas fortificada com obras, que são

reconhecidamente modelos d'architectura militar, é uma das praças de notoria fama na Europa: antes porem que estes importantes trabalhos se executassem, já era logar de grande fortaleza, mas não tão afamado por essa circumstancia, como por ter sido o theatro do valor portuguez empregado contra soberbos e contumazes inimigos (*).

D. Affonso 11.^o de Castella, entre os annos de 1325 a 1337, veio sobre Elvas com força de gente, esteve porem á roda de suas muralhas por espaço de dois dias, contentando-se com o estrago que fez talando os campos adjacentes, e depois de algumas correrias dos seus pelo Alemtejo, a roubar os gados, retirou-se sem mais vantagem que a resultante destes latrocinios. Em 1381, o infante D. João, filho de elrei D. Pedro e da desditosa D. Ignez de Castro, que se tinha refugiado em Hespanha por desavenças com sua cunhada, D. Leonor, mulher de D. Fernando, poz infructuoso cerco a Elvas aos 13 de Julho, e sem nada conseguir levantou o arraial, passados 25 dias de sitio, recolhendo-se a Castella, aonde acabou seus dias preso por mandado de D. João o 1.^o daquelle reino, que pertendendo a corôa de Portugal, quiz ter seguro o infante, que suppunha seu contendor depois do fallecimento d'elrei D. Fernando. Dahi a quatro annos [1385] o mesmo D. João 1.^o assediou esta praça por 15 dias; os valerosos portuguezes que a defendiam nunca cerraram as portas, antes pelo contrario sahiam quotidianamente a pelejar com os sitiadores, levando sempre vantagem a pontos de fazerem uma tomadia das munições que de Badajoz eram enviadas ao exercito hespanhol: governava então a praça o esforçado Gil Fernandes, natural d'Elvas. Todavia as mais celebres victorias nossas, de que esta cidade foi testemunha, e em que seus habitantes tiveram muita parte, foram as que se alcançaram ao redor de seus muros depois da gloriosa restauração de 1640, quando, repellido o jugo hespanhol, imitando as façanhas dos vencedores em Aljubarrota, soubemos manter o nome e independencia nacional.

Em 1644, nos sete primeiros dias de Dezembro, 13:000 castelhanos, sob as ordens do marquez de Torrecusa, sitiaram Elvas, consistindo as suas operações em se entrincheirarem no local chamado o *casarão*, que ainda nesse tempo ficava extramuros da praça, e levantarem um reducto guarnecido de seis peças de calibre 24 contra o forte de St.^a Luzia: este, posto que n'um estado defensavel, achava-se por concluir, e a nova fortificação d'Elvas era apenas começada. Commandava a praça o conde de Alegrete, assistido por muitos fidalgos portuguezes; disputou a principio tenazmente a posse do outeiro do Casarão, que foi por vezes tomado e perdido, até que vendo que o leva-lo á viva força lhe custava muitas vidas, ordenou ao engenheiro hollandez, Cosmander, que dirigisse um contra-aproxe contra o entrincheiramento dos castelhanos. O reducto opposto ao forte de St.^a Luzia pouco damno fazia, não só por estar a grande distancia, como pelo predominio que sobre elle tinha a nossa artilheria: não obstante isso o conde de Alegrete mandou construir aos lados do forte duas meias-luas para assestar mais bocas de fogo, e uma communicação, a cuberto dos tiros directos, entre o forte e a praça. Mencionámos muito de proposito estas circumstancias, porque alguns menos instruidos suppoem que ha duzentos annos a arte da guerra entre nós estava em grandissimo atrazo: sendo facil demonstrar que em todas as

(* Vid. duas vistas d'Elvas, acompanhadas d'algumas noticias ácerca da mesma cidade a pag. 25 e 38 do precedente vol. deste Jornal.

epochas da monarchia nos achámos ao nivel das nações estrangeiras na pericia militar, ao passo que na sciencia naval a muitas nos avantajámos.

Em summa, o marquez de Torrecusa, tomando conselho com os seus officiaes, desistiu da empreza, levantando o campo a 7 de Dezembro e recolhendo-se a Badajoz, desanimado de poder tomar a praça, receoso do soccorro que em Lisboa se aprestava, e constringido pelo deábrido inverno de copiosas chuvas que não deixaram de cair em todos aquellos dias.

Tinham decorrido quatorze annos de combates, que se numeravam por outras tantas victorias, e o braço lusitano mostrára aos estranhos que não era a copia de batalhões a que na guerra vencia, mas sim o natural esforço e o espirito patriótico de um povo livre: eis que o soberbo valido de Philippe 2.^o, destro nas intrigas palacianas, perito na systematica politica de seu amo, persuadindo-se que com sua presença animaria as tropas hespanholas, que á influencia de seu nome e á fama da luzida nobreza que o acompanhava curvariã a cerviz os portuguezes, deliberou-se a entrar por este reino com um escolhido corpo d'exercito. Com estas presumpções, D. Luiz d'Haro, marquez del Carpio, conde-duque d'Olivares, no meado de Outubro de 1658, veio pessoalmente pôr novo assedio, e mais estreito que os precedentes, á praça d'Elvas: trazia consigo 14:000 homens d'infanteria e 5:000 de cavallo e artilheiros, com os petrechos bellicos e munições convenientes. Constava nesse tempo o recinto magistral da praça de nove baluartes e dois meios baluartes, com suas cortinas, parapeitos e terraplenos; já o outeiro do *casarão* ficava comprehendido dentro nos limites das fortificações; mas o monte de N. S.^a da Graça ainda se achava destituido de obras defensivas, assim como estava por acabar o forte de St.^a Luzia, posto que estivessem concluidos os seus quatro baluartes; o monte de S. Pedro tinha sido occupado por um *bonete* de fachina, que se conservou guarnecido em toda a duração do cerco. Governava Elvas o famoso D. Sancho Manuel, 1.^o conde de Villa-flor, e á cidade tinha acudido a flor da fidalguia portugueza, cubigosa de se distinguir nos feitos marciaes, para que se não deslustrasse a honrada memoria de seus maiores, nem os aggressores, tantas vezes debellados, ousassem alçar e firmar seus estandartes no solo da patria, que aquelles haviam defendido e conservado independente, em meio de riscos, de calamidades, e de pelepas renhidas, com prodigios inauditos de valentia e fidelidade. Depois de ter sahido a limitada porção de tropa que serviu de casco ao exercito de soccorro, compunha-se a guarnição da praça de 11:000 homens, entre soldados pagos, auxiliares, e de ordenança: reinavam porem grandes enfermidades, resultado do contagio que trouxeram os que nesse mesmo anno estiveram cercando Badajoz, molestias que, disseminando-se pelo reino, causaram gravissimos obstaculos á reunião das levas de gente com que devia completar-se o exercito de soccorro. Em Elvas sitiada subiu de ponto a mortandade, por falta de medicamentos, pelos apuros do cerco, e por todas as mais rasões, que em taes circumstancias ordinariamente flagellam uma quantiosa aggregação d'homens encerrados em diminuto espaço: note-se que a final até faltava a terra para dar sepultura aos cadaveres, não podendo ser enterados nos fossos, abertos pela maior parte em rocha viva. São faceis de comprehender as ponderosas e arduas difficuldades que tinham de vencer os defensores para se manterem; no entanto, antes que os castelhanos cerrassem as linhas, conseguiram illudir-lhes

a vigilancia, ou romper o cordão, muitos officiaes e soldados e outros individuos que diariamente levavam á rainha D. Luiza, então regente do reino pela menoridade de D. Affonso 6.^o, e ao commandante do exercito de soccorro, os avisos das occorrencias do sitio, e do mesmo modo entraram, um grande comboi de trigo e cevada, vindo de Campo-Maior, os mantimentos e refrescos para os doentes, e alguns officiaes e outras pessoas distinctas que concorriam a tomar parte na defensão, ou eram portadores de ordens e participações importantes dirigidas ao governador da praça. Não faltavam as munições de guerra; e os viveres só escaçaram depois que os castelhanos apresaram subitamente o gado que pastava fóra das esplanadas, então chegou uma galinha ao exorbitante preço de 7 \$ 000 r.^s, e nos ultimos dias do cerco nem por dobrada quantia era possivel obtê-la: igualmente vieram a faltar os legumes e hortaliças, ficando os sitiados reduzidos a ter unicamente pão por alimento. A palha e feno para os cavallos tambem faltava, e era este o unico obstaculo que impedia o haver maior força de cavalleria, porquanto nas frequentes sortidas muitos cavallos se tomaram aos castelhanos, havendo companhia a que por este meio couberam noventa apanhados no decurso do sitio.

É cousa por certo notavel, e grandemente honrosa para esta inclita nação portugueza que não obstante as privações e os padecimentos que na praça se experimentaram, nem um só dos seus defensores fugiu della; ao passo que os sitiantes, por causa do mau abrigo contra os frios e chuvas que então foram fortes e abundantes, desertavam quotidianamente em grande numero, uns para os lares paternos, outros para as praças portuguezas mais proximas, e alguns para a mesma que assediavam. Os nossos governadores de Juromenha e Villa-Viçosa pagavam premio a todos os que se lhes apresentavam equipados, ou montados: pelo que não engrossava o exercito contrario apesar dos numerosos reforços, que de Hespanha lhe eram frequentemente enviados.

(Concluir-se-ha).

PHILIPPE 2.^o d'Hespanha, que por morte do cardeal rei usurpou a corôa portugueza, entrou uma vez em certa aldêa da nossa Estremadura, e aposentou-se, por ter anoitecido, em casa d'um farto lavrador, onde foi bem hospedado, pelo que querendo retribuir ao dono da casa lhe disse no seguinte dia á despedida que pedisse a graça que lhe parecesse, que sendo justa lh'a concederia. Como os da comitiva do monarcha em tão poucas horas tinham feito muito estrago na fazenda do lavrador: respondeu este a Philippe: *Senhor, a graça unica, que peço, é que se V. M. houver de passar outra vez por estes sitios não se lembre de pernoitar nesta aldêa, ou pelo menos em minha casa.*

Como o incenso só recende depois de queimado, a gloria dos grandes homens refulge sem eclipse depois de mortos.

Os panegyricos, que faz certa gente de gosto estragado, são verdadeiros vituperios no vocabulario dos intelligentes.

Os maus se associam com mais frequencia que os bons, reconhecem a sua fraqueza moral na opinião da maioria humana.